

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

REVISTA INTERNACIONAL

LAP

DO ESPIRITISMO

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :

CAIRBAR SCHUTEL

(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON

NOV 15 2006

THEOLOGICAL SUMMARI

SUMÁRIO

Kardec, como Missionário da Síntese do Espiritismo
Filosofia da História — Os Fins não justificam os Meios
Lua, Astro Morto por Fora e por Dentro
Prestemos uma homenagem ao Prof. Allan Kardec
A Mediunidade nas Velhas Culturas
Ciência Pura versus Furor Tecnológico
Escolhe, tu mesmo
Gentes de hoje e Doutrina Espírita
Confusão Ubaldiana
Crônica Estrangeira
Espiritismo no Brasil

Redação

Carlos Imbassahy

V. O. Casella

Mac Maynard

Deolindo Amorim

Arnaldo S. Thiago

Aleixo Victor Magaldi

v. Irenedo

Luiz Caramaschi

Redação

Redação

Parábolas e Ensinos de Jesus

Já se acha pronta a nova edição de «Parábolas e Ensinos de Jesus», de Cairbar Schutel, uma das grandes obras do infatigável apóstolo do Espiritismo.

Aliás, essa obra sempre foi disputada pelos cultores da doutrina e todos, agora, poderão obtê-la, nesta última edição, encadernada e de feição gráfica muito bem apresentada, em tipo gráfico, e, portanto, de agradável e fácil leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr.\$ 120,00 e mais Cr.\$ 6,00 para o porte e registro ou a Serviço Postal de Reembolso.

O DIABO E A IGREJA Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.^a edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.\$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

“Gênesis da Alma”

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.^a edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos seres superiores.

E' um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de tôdas as inteligências.

A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr.\$ 25,00, e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Na Escola do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
A Grande Esperança
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam

Romances:

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Do Calvário ao Infinito
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Alguem chorou por mim
Mireta
Redenção
Lidia
A Scaâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Cruzada Redentora — 3 vols.

Infantis:

Seara Infantil
Conselhos ao meu filho (contos)
A Historia de Paulinho
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Os meus deveres
História de Catarina
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo. — Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo*

REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

Kardec, como Missionário da Síntese do Espiritismo

Tendo ocorrido a 3 deste mês o aniversário natalício de Allan Kardec, aquí relatamos fatos da sua obra Missionária



ESDE o Ano de 1954, estamos em plena fase do 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo. Cabe a Kardec a Missão, no vasto processo de desenvolvimento espiritual do

planeta. Acreditam, em geral, que o Espiritismo existe há milênios, tão velho quanto a espécie Humana e que o seu aparecimento no mundo moderno, como doutrina e objeto de pesquisa científica, data de pelo menos 10 anos antes de Kardec com as famosas manifestações de Hydesvile, nos Estados Unidos.

Não há dúvida que as manifestações de Hydesvile representam um episódio de grande significação na história do Espiritismo. Foram elas que chamaram a atenção dos homens de ciência e de cultura, em toda parte, para o problema das comunicações espíritas. Foram elas que abalaram a Europa e a América despertando a curiosidade geral e preparando o clima para o advento do Espiritismo. Mas não representaram o momento real do nascimento da Doutrina Espírita, que só viria mais tarde com o trabalho paciente e firme de Kardec, sob a orientação da falange de Espíritos Superiores que, cumprindo a profecia de Jesus, a-

presentou-se com o nome de Espírito da Verdade.

O episódio de Hydesville pode ser considerado o ponto culminante da fase preparatória. Essa fase, porém, não pode ser assinalada por limites precisos. Estende-se por um longo período, com episódios mais ou menos importantes que se alastraram como um rastilho de pólvora por toda a América e Europa, como poderemos ver, consultando a coleção da «Revue Spirite». Também a «Revista Internacional do Espiritismo», de Cairbar Schutel, contém numerosos relatos a respeito. E as duas obras históricas do Espiritismo, de Conan Doyle e de Cesar De Vesme, bem como as monografias de Bozzano sobre os diversos aspectos da fenomenologia espírita, que são preciosas fontes.

O aparecimento do Espiritismo como doutrina não se deu em Hydesville, mas em Paris. Tudo que houve antes de Kardec não foi mais do que preparação. Cabia a êle, o Missionário, realizar o extraordinário trabalho de síntese de todos os fatos e teorias surgidos na América e na Europa em torno do problema espírita. E êsse trabalho teve também a sua fase preparatória, com os estudos e pesquisas do Prof. Denizard Rivail (Kar-

dec) no campo do magnetismo. E teve o seu momento culminante, de que o próprio Kardec nos dá notícia, em seu manuscrito incluído na segunda parte de «Obras Póstumas», com as seguintes palavras: «Foi em 1854 que, pela primeira vez, ouvi falar das mesas girantes».

Anos de Elaboração

Esse ano de 1854 marca exatamente o início do interesse do Prof. Rivail pelos fatos espíritas. O magnetizador Sr. Fortier lhe fala das mesas girantes. Mais tarde, conta-lhe que essas mesas «falam». Kardec ainda não «nasceu». Existe apenas o Prof. Leon Hypolite Denizard Rivail, estudante de magnetismo. Mas o problema o preocupa, e no ano seguinte, em princípios de 1855 um velho amigo, o Sr. Carloti lhe fala «daqueles fenômenos», durante cerca de uma hora, com o entusiasmo que consagrava a todas as idéias novas.

O Sr. Carloti, porém, era da Córsega, «de temperamento ardoroso». Rivail ouviu os seus relatos entusiásticos, mas não estava muito disposto a aceitar a veracidade dos mesmos. «Foi o primeiro que me falou na intervenção dos espíritos», — diz Kardec, — e me contou tantas coisas surpreendentes, que, longe de me convencer, aumentou-me as dúvidas. Um dia o Sr. será dos nossos, concluiu. Não direi que não, respondi; veremos isso mais tarde. Só acreditarei nas mesas falantes se me provarem que elas têm o dom de raciocinar. Como se vê, o Prof. Rivail (Kardec) não era um homem de entusiasmo fácil ou de fáceis arroubos imaginativos ou místicos. Não gostava de exaltações. Queria examinar todas as coisas de maneira serena, como convém aos que querem encontrar a verdade.

Foi por isso que, em Maio de 1855, na casa da sonâmbula Sra. Roger, em companhia do magnetizador Fortier, muito mais lhe agradou e interessou tudo que ouviu de outras pessoas. Vejamos o que ele mesmo nos diz a respeito: «Lá encontrei o Sr. Patier e a Sra. Plainemaison,

que me falaram daqueles fenômenos no mesmo sentido em que o Sr. Carloti se pronunciara, mas num tom muito diverso». Kardec nos descreve a figura grave do Sr. Patier, homem frio, calmo e acrescenta: «Sua linguagem pausada, isenta de todo entusiasmo, produziu em mim viva impressão. E, quando me convidou para as experiências que se realizavam em casa da Sra. Plainemaison, à rua Grange Batelieri, n. 18, aceitei imediatamente».



ALLAN KARDEC

Nessa casa, às 20 horas, de uma noite de terça-feira, em Maio de 1855, o Prof. Rivail presenciou, pela primeira vez, o fenômeno das mesas girantes, e assistiu aos primeiros ensaios de escrita mediúnica, pelo processo da cesta. Nessa casa conheceu o Sr. Boudin, pai de duas jovens médiuns, que seriam os primeiros instrumentos de elaboração de «O LIVRO DOS ESPÍRITOS». A Providência colocava dois anjos aos lados do missionário, para que ele iniciasse o seu trabalho e o desenvolvesse com seguran-

ça. Mais tarde, em 1856, outro anjo viria em seu auxílio, a Srta. Japhe, filha do Sr. Roustan, médium sonâmbula, através da qual Kardec iria rever os manuscritos de «O LIVRO DOS ESPÍRITOS», em sessões particulares, com os seus guias espirituais.

Kardec convenceu-se que a mesa não tinha raciocínio, mas era impelida por seres racionais do Espaço — Espíritos. Kardec nos informa que não se contentou com a revisão do manuscrito através da mediunidade da Srta. Japhe. Os espíritos lhe haviam recomendado outras verificações. Assim, diz o codificador: «Tendo-me as circunstâncias pôsto em relação com outros médiuns, sempre que se apresentava ocasião eu a aproveitava para fazer algumas perguntas que me pareciam mais espinhosas. Foi dessa maneira que mais de 10 médiuns prestaram concurso a êsse trabalho. Da comparação e da fusão de tôdas as respostas, coordenadas, classificadas e muitas vezes remodeladas no silêncio da meditação, foi que elaborei a primeira edição de «O LIVRO DOS ESPÍRITOS», entregue à publicidade em 1857».

Como se vê, a fase do aparecimento da Doutrina Espírita se estende por um período de 4 anos. Vai de 1854 a

1857. Nesse ano de 1955 estamos em pleno centenário da elaboração de «O LIVRO DOS ESPÍRITOS». Praticamente, foi nesse ano, há um século atrás, que o livro básico foi elaborado, pois em 1856, segundo diz o próprio Kardec, a maior parte do seu trabalho já estava realizado.

Missão de Kardec

Até êsse momento, — essa fase de quatro anos. — não havia Espiritismo. O mundo estava cheio de religiões e escolas espiritualistas ou ocultistas, cheio de teorias mais ou menos engenhosas sobre os fenômenos espíritos, mas não possuía uma doutrina capaz de colocar o problema em termos claros e racionais. Coube a Kardec a missão de realizar essa obra. Êle não só escreveu o «O Livro dos Espíritos», prosseguiu depois no trabalho gigantesco da codificação, mas também cunhou a palavra necessária destinada a denominar a nova doutrina. Surgiu então pelas suas mãos, sob a orientação dos Espíritos, uma nova palavra, que hoje se inscreve nos dicionários de tôdas as linguas: ESPIRITISMO.

IRMAO SAULO

Filosofia da História

OS FINS NÃO JUSTIFICAM OS MEIOS

II

Toulon revolta-se. Arrasada Lion, os destruidores dirigem-se ao pôrto. Para lá é enviado um oficial de artilharia: é êle Napoleão Bonaparte.

Êsse homem funesto logo começou a proteger com sua audácia, seu valor e seu gênio, a causa dos assassinos.

Toulon é tomada e incendiada. Os habitantes procuravam fugir para as embarcações estrangeiras; uns pereciam nas chamas, outros afogados.

Em meio à balbúrdia, mães procuravam os filhos, os filhos procuravam os pais, enquanto as balas republicanas procuravam todos: elas choviam e dizimavam.

Com os vencedores, entrou em Toulon a guilhotina.

*

Em Paris continuava-se a matar. O suplício alí não parava nunca, não parava mais.

A Senhora Roland, um pouco esquecida, foi lembrada. Puseram-na na prisão das meretrizes para aviltá-la; depois foi para perto da prisão da rainha que ajudou a destronar. Robespierre a quem tanto ajudara, foi quem lavrou a sua sentença. Disse ela aos juizes que a condenaram: — Agradeço-vos achar-me digna de partilhar a sorte dos grandes homens que assassinastes.

E foi para a morte. Sua carrêta caminhava num cortejo de outras, cheia de vítimas.

— À guilhotina — berrava a multidão. — Para lá eu vou inocente — respondia ela — outros irão depois manchados de sangue.

A seu lado ia outro condenado, um velho enfêrmo, a quem ela procurava consolar. Na guilhotina, cede o primeiro lugar ao velho, para que êste não visse, com sua morte, o que o esperava.

À sua frente erguia-se a estátua da liberdade. E ali ficou decapitada, aquela que foi a inspiradora intelectual do movimento revolucionário. Seu marido suicidou-se.

*

Bordeus seguia, na ferocidade e no crime, o exemplo do país. Geradet, Luvet, Sarles, Petion, Barbaroux, Buzot, o que restava dos girondinos, erravam de plaga em plaga, acoçados pelo tremor, pelo frio, pela fome, pelo exaurimento. Afinal, um matou-se, outros foram presos, os últimos, que não conseguiram apanhar, foram devorados pelos lobos.

De vez em quando os matadores se lembravam de um nome; a lembrança era sempre de mau agouro.

Lembraram-se de Barnave, Duport, Bailly, e êstes foram logo à guilhotina. Bailly homem honesto, bom, circunspecto, no exercício de seu cargo, teve que reprimir uma sedição no Campo de Marte. Foi por isso terrível o seu suplício: fizeram-no atravessar quase nú as ruas de Paris, de mãos amarradas, sob uma temperatura glacial. Com bandeiras sujas e varapaus vergastavam-lhe o rosto; outros escarravam-lhe. Tinha as faces cheias de escaradelas, lama e sangue. Fazem-no lamber o chão do tal Campo de Marte. Sob ameaças e injúrias caminhou três horas. Desmontaram a guilhotina de onde estava para a levarem a um lugar imundo e o obrigam a transportar o pesado madeirame, tal como no Calvário. Exausto, era obrigado a caminhar entre chacotas e pancadas. Desmaia, afinal; levantam-no a pauladas. E' obrigado a assistir à longa reconstrução do aparelho de morte. — Tremes, Bailly — perguntam-lhe ironicamente. — Sim, mas de frio — responde êle.

O seu suplício terminou depois de 5 horas.

*

A senhora du Barry, amante de Luiz XV, vem a Paris apanhar as joias que escondera; é traída por um prêto que criara e tinha como filho.

Tudo ela prometeu para salvar-se; chorava como uma criança, mas as lágrimas, quando não provocavam mofa, reacendiam o ódio. Ela foi para o patíbulo.

O duque de Lauzun passou da côrte para o povo. Foi um general da revolução e serviu em várias frentes. Indispôs-se na Vendéia com outro general e perdeu a partida. Daí para a guilhotina foi um pulo.

Apesar do trabalho constante da Parca ainda havia cinco mil presos em Paris. Fouquier Tinville já não tinha uma folga; comia lavrando sentenças de morte.

Às vêzes aquêle coração empedernido queria salvar um amigo.

Augrand D'Alleray fôra um homem íntegro, antigo companheiro e amigo de Fouquier. Êle e a espôsa eram acusados de entreter correspondência com um filho emigrado. Fouquier lhe diz: Há aqui uma carta que dizem ser sua: mas vejo que sua letra não é esta. — Deixe examiná-la — pede o réu, e declara: — Tu te enganas, ela é minha. — Fouquier, desconcertado, oferece outra saída: — Certo, não conhecias a lei que proíbe a correspondência com os emigrados. — Ainda te enganas, eu a conheço, volta o prêso — Mas conheço outra gravada pela natureza no coração de todos os pais e tôdas as mães: a que ordena sacrifício pelo socôrro dos filhos. Eu te agradeço os esforços para salvar-nos, mas não queremos resgatar a vida com uma mentira. Faze o teu dever, que nós fazemos o nosso.

*

Em meio à tragédia, o entremez. Inventaram um novo culto e o *sacerdos-magnus* era Chaumette.

Já os sacerdotes haviam sido forçados a abdicar de suas funções e crenças; fundiram-se os sinos, dispersou-se o velho relicário, quebrou-se a santa ampôla, proibiu-se aos professôres pronunciar o nome de Deus e aos Padres celebrar cerimônias, usar cruces e crucifixos; fecharam-se igrejas, queimaram-se imagens, fizeram dos livros de liturgia bucha de canhão, dispersaram os vendedores de velas.

Na sua ignorância, pensavam êles poder extinguir do coração humano a se-

mente milenária dos sentimentos religiosos.

O novo culto foi uma palhaçada, recheiada de histriões e mulheres de má vida entre mulheres honestas.

As moças traziam leves túnicas, algumas estavam semi-nuas. Loiselet morreu de vergonha.

Depois foi a profanação dos Santuários. Santa Genoveva, a padroeira de Paris, teve os restos espalhados e queimados.

Seguiu-se a destruição dos túmulos: reis, príncipes, santos e santas, guerreiros notáveis foram todos exumados e lançados à lama. Não bastavam os vivos, atiravam-se aos mortos.

Nas demais cidades de França procurava-se sobrepujar Paris nos morticínios. Carrier, em Nantes, queria ofuscar as atrocidades de Collot em Lião. Diz Lamartine que êle inventava torturas e obscenidades, procurando no martirologio dos primitivos cristãos e na depravação do Império Romano, ultrapassar os requintes da morte.

A cumplicidade de Nantes na guerra da Vendéia foi o pretexto. Treme-nos agora a pena ao narrar a hediondez dos nefandos crimes ali praticados.

O exército realista que sublevou a Vendéia foi derrotado, e logo Collot erigiu um tribunal para os vencidos, que mais se diria um açougue.

De comêço, mandou matar mais de oito mil pessoas, geralmente os que não puderam acompanhar o exército vendeano na fuga, mulheres, velhos, crianças, enfermos, feridos.

E preciso, dizia êle, despovoar e incendiar tôda a região.

Escolhe os seus sicários na escória humana. E isola-se. O bandido era poltrão. As prisões se enchiam, e, como em Lião, logo se esvasiavam para encherem as fossas de cadáveres. Até que, na cidade só se contavam duas classes: os assassinos e as vítimas. Para atrair os delatores, êles os animavam com soberbas promessas e entre estas a do saque.

Nas prisões repletas já não havia leitos, lençóis, aquecimento, alimentos. Nunca ninguém supôs que ali podia entrar tanta gente.

Alguns conseguiam resgatar a vida, entregando tudo o que tinham e as mulheres entregando a honra, o que muitas faziam para salvar os filhos.

Fuzilavam as mulheres grávidas, declarando estarem ferindo o realismo na

semente. Setecentos padres foram logo mortos; só o fato da batina os condenava.

Cartier passava por ser tão feroz quanto estúpido; entretanto ninguém lhe pode negar a fertilidade ou o gênio na monstrosidade.

As mortes singulares já tomavam muito tempo e então êle ideiou os afogamentos, as célebres *noyades*. Para isto encomendou barcos especiais, com umas válvulas no fundo (*souppes*), válvulas que se abriam, e o navio afundava com tôda a carga humana. Era uma brevidade que deixava a perder de vista a metralha de Collot.

A princípio tudo se fazia à socapa, mas o Afogador verificou que não era justo se perdesse tão magnífico espetáculo. Comprou, então, um luxuoso navio, encheu-o de iguarias, vinhos e convidados, de sorte que aquilo ficou sendo uma espécie de teatro; o tombadilho era a plateia de onde se podia apreciar a cena. Destarte, enquanto uns bebiam, comiam, namoravam, riam, outros, para diverti-los, afundavam e debatiam-se, sem socôrro, nas vascas da mais terrível agonia.

Como êsses divertimentos navais estivessem ficando monótonos pela repetição diária dos mesmos incidentes, resolveu Cartois uma distração de outro gênero: os «casamentos republicanos». Traziam-se os pares ao convés: moços e moças; despiam-nos, amarravam-nos dois a dois, homem e mulher, frente a frente, e depois lançavam-nos nágua. Às vêzes era um padre e uma freira, um rapaz e uma virgem, um senhor e uma senhora... E lá iam os casais para o fundo, ou rio abaixo, em meio às risadas e aplausos delirantes da assistência.

Êsses afogamentos matrimoniais duraram meses, e as testemunhas ainda contavam: — Vimos, por ordem dos chefes, lançaram as crianças de mão em mão, depois de baioneta em baioneta, incendiarem casas, eventrarem mulheres grávidas, queimarem vivos os filhos.

E Carrier ainda não estava satisfeito.

Houve quem não apreciasse devidamente aqueles *shows*, e até quem os denunciasse. Cartier levou-os de rastro a Paris. A Convenção estava perplexa, porém ninguém tinha a coragem da reprovação, porque podia parecer um ato de piedade. O próprio Robespierre ficou estarrecido, mas emudeceu.

Arras e Cambrai estavam nas garras

de outro louco, Joseph Lebon, que não perdia um suplício.

Ao Sul, achava-se Maignet. Êste incendiou Bèdoin, fêz umas 15 mil vítimas e a guilhotina só parou por falta de quem matar.

Não eram só os homens que se distinguiram pela sua perversidade; as mulheres, por vêzes, os sobrepujavam. Via-se ali que a alma de ambos os sexos era formada do mesmo barro imundo.

Os *tricotenses* de Robespierre não estacavam diante de qualquer assassínio. Uma dessas «fiandeiras» foi a célebre Theroigne de Mèricourt, bela de corpo e hedionda de alma.

Rose Lacombe era presidente de um grupo feminino apanhado nas sargetas.

Formara-se uma facção ultra-sanguinária, à testa da qual se achavam Hébert, Chaumette, Vincent, Momoro, Ronsin. A êles se deve a maior parte da grande torrente de sangue que se seguiu, às lutas com os próprios correligionários, as intimações à Convenção, as exumações sacrílegas, as humilhações ao Clero, as proscricções, a peregrinação e morte de cem mil padres, a profanação das Igrejas, os cultos ridículos, o ateismo, a imoralidade.

Momoro já havia pedido a extinção de todos os sacerdotes.

*

Danton isolava-se, parecendo tomado pelo remorso. Entre êle e Desmoulins travava-se um duelo panfletário.

Hébert faz enfim desfilar na Convenção uma espécie de procissão com os despojos da Igreja, e entra a atacar Robespierre, embora tímidamente.

Êste, num golpe contra Hébert e Chaumette, ataca o ateismo.

Danton começa a ser mal visto e mal recebido no Clube dos Jacobinos; de seu silêncio já se desconfia.

São imolados muitos inocentes como o filho de Custine, alguns generais, o mare de Strasburgo; a guilhotina é que não podia emudecer.

São presos amigos de Hébert. Êste, indignado propõe uma insurreição; e em vez dela são presos ainda Fabre, Ronsin, Vincent, Hébert, Momoro, Ducroquete, Saumur e outros; conduzidos à guilhotina em 5 carretas, acabaram como milhares de criaturas que êles fizeram matar. Como êsses infelizes, se viram insultados pela populaça. Vincent chorava. Alguns não tiveram a coragem de suas vítimas.

Era o primeiro grande grupo de bandidos que ajustava suas contas.

Foram depois apanhados Chaumette, Gobel, Herauet de Séchelles, Simon.

Ja assim o segundo grande grupo. Danton ficava sem apôio.

Seguiram-se Fabre d'Églantine, Bajire e Chabot.

Era uma turma excelente.

Carlos Imbassahy

Lua, Astro Morto por Fora e por Dentro

Mais uma vez aqui estamos, no assunto do satélite da Terra, em fraternal debate com o Sr. Arnaldo S. Thiago, e orgulha-nos tal ensejo, considerando-se a nobre qualidade do nosso contendor.

No seu trabalho de Agôsto último, nesta mesma Revista, solicita-nos para transmitirmos aqui, pelo lado da Ciência, o que ali se escreveu sôbre a Lua. Tentaremos atende-lo, na medida da nossa possibilidade, visando apenas a essência da questão. Ali, o Sr. Thiago, depois de concordar com o nosso artigo da Revista de Abril-Maio últimos, sôbre a impossibilidade da existência de vida na superfície lunar, passa a admitir que os su-

postos selenitas estariam habitando o subsolo do astro, argumentando na seguinte justificativa, que passaremos a apresentar entre aspas.

«Sendo a Lua uma fração de matéria destacada da Terra, ela levaria desta os mesmos elementos básicos que lhe haveriam de dar a mesma natureza que aqui iria se produzir. Mas sendo ela de menor massa, logo solidificou-se e floresceu a vida, antecipando-se, com estas vantagens, ao nosso planêta que, de maior porte, retardava-se na sua matéria ainda pastosa.

Foi assim que a Lua, muito antes que tal acontecesse na Terra, obteve pe-

la evolução uma raça humana de alta cultura material e espiritual. Mas se a natureza do astro foi rápida na sua ascensão evolutiva geral, também não tardou que a sua condição planetária entrasse em decadência, ameaçando extinguir tudo o que ali antes florescera. Os seus habitantes, adiantadíssimos, prevendo a fatalidade, construíram confortáveis cidades naquele sub-solo, protegendo-se do ambiente estéril que atingira a face lunar.

Sòmente depois que a Lua se achou nesta fase crítica é que o Homem dominante apareceu na Terra, ocasião em que os aspectos lunares, tal qual ainda vemos hoje, já não mais revelaram o seu passado, daquela época anterior de rico florescimento. Mas ainda podemos ver hoje naquelas cavidades, que caracterizam aquele solo, em forma de crateras, algumas de aspectos padronizados, revelando tratarem-se de obras executadas por sêres inteligentes, naturalmente os seletas. Em uma delas, denominada Copérnico, nota-se uma certa claridade que poderá ser abertura, por onde se vê iluminação de alguma das cidades internas do astro.

É de notar-se que astrônomos russos, ultimamente, acusaram uma erupção vulcânica na cratera Alfonso. Talvez este fenômeno tivesse sido também uma luminosidade igual a que se viu na de Copérnico, mas os russos fechados no seu Materialismo tomaram por atividade vulcânica, uma vez que não poderiam acreditar na existência de sêres inteligentes em outros mundos, sem antes tocá-los com os dedos, a exemplo de S. Thomé».

Esse é o resumo do que pudemos interpretar naquele trabalho do nosso distinto antagonista que, como pudemos notar, baseara-se em raciocínio lógico, se bem que não adaptável para o caso da pequeníssima Lua. Essa mesma teoria nós a empregamos para o caso de Marte, cujo planêta, embora menor que a Terra, em muito supera a massa lunar. E' o que se lê no nosso trabalho da Revista I. do Espiritismo, do mês passado.

Vejamos agora as objeções que esse conceito poderá encontrar.

Se na Lua tivesse alguma vez existido vida ativa na sua natureza, o seu aspecto atual deveria apresentar vestígios de extintas vegetações, rios e mares, ruínas de obras de uma antiga civilização

que por ali já passara. Mesmo argumentando-se que tudo isso se acha coberto pela camada exterior, ainda assim, a matéria externa, mesmo em estado natural, teria que se revelar produto de transformações pela ação do tempo. No entanto, o seu panorama de hoje contrasta com tal hipótese de vida, pois aquela crosta sólida revela-se ainda virgem pela sua natureza ígnea, substância esta que endurecera e assim ficara desde a origem do astro. E' verdade que a Lua levou na sua natureza os mesmos elementos básicos que formaram a Terra, mas êstes não produziram ali tôdas as substâncias que aqui obtivemos.

Como se vê, basta compreendermos que se a matéria da superfície lunar permanece a mesma desde sua origem, esta realidade destroi qualquer hipótese sôbre a vida naquele satélite, estritamente mineralizado.

Outra objeção sôbre a vida lunar é a da origem das crateras que caracterizam a fisionomia daquele solo.

Aqui na Terra, no Arizona, América do Norte, há uma enorme cratera, assemelhando-se com aquelas lunares, a qual se revela aberta por um gigantesco meteorito, fenômeno que deve ter ocorrido em época geológica recente. Pela forma desta, há boas razões em favor da hipótese de que aquelas, da Lua, também assim se originaram. Mas ali, pela sua numerosa quantidade, cêrca de 200 mil, a causa teria sido por uma chuva de meteoritos em época da formação do astro.

Considerando-se que a Lua caminha ao lado da Terra, ao redor do Sol, ambas teriam sido atingidas ao mesmo tempo por aquela violenta chuva de pedras do céu. Neste caso, por que a orla da Terra não se acha com aquelas mesmas marcas que caracterizam o solo lunar? Esta diferença demonstra que na ocasião dêsse acidente cósmico a matéria do nosso planêta ainda se achava pastosa, cuja condição refazia aquêles estragos que assim não deixavam vestígios.

A Lua, de menor massa, como bem diz o Sr. Thiago, já havia endurecido a sua primeira camada externa, motivo pelo qual não conseguira apagar os sinais dos impactos. Contudo, algumas crateras evidenciam que as lavas ainda derretidas, do sub-solo, tentaram vasar por aque-

las aberturas, aproximando-se das bordas que se acham acima do nível da superfície lunar.

Pelo exposto, uma vez que a Terra não conservou as referidas marcas, é fácil concluirmos que a sua natureza estava no início de formação ígnea e, conseqüentemente, o mesmo se diz da Lua que apesar de sua vantagem de solidificação mais rápida, também não poderia estar substancialmente longe de sua fase inicial.

Assim, com êste argumento, repetimos: Onde se acham ali os vestígios de vida evoluida, se a fisionomia do astro, pela sua natureza ígnea, não revela ter sofrido transformações desde aquêle início?

Alguns autores, sem negarem em parte a contribuição dos meteoritos, atribuem a vulcões como causa daquelas aberturas, na época inicial em que as lavas borbulhavam como luta desesperadora de resistência à solidificação. Também esta hipótese não viria mudar o conceito sôbre natureza ígnea da crosta lunar.

Mas seja qual for a causa daquelas paisagens estáticas da Lua, nenhuma hipótese sôbre a vida ali vingará se não esclarecer antes como essa evolução vivente se processou, sem manipular pela erosão e construção aquela crosta de natureza primária.

Se ali vemos esculturas naturais, tratam-se de obras por acidentes, cujas arestas vivas de suas montanhas são testemunhas mudas de que jamais, em época alguma, foram molestadas por erosões atmosféricas ou chuvosas.

E no que se refere sôbre a semelhança entre algumas crateras, parecendo padronizadas, a natureza, ainda mais em acidentes em séries sucessivas de grandes proporções, pode às vêzes coincidir algumas formações naturais de aparência geométrica, especialmente se vistas a grandes distâncias. Contudo, no geral, nota-se muito bem que elas se acham distribuídas ao acaso.

Vejamos agora sôbre aquela clareza que o Sr. Thiago, como bom observador, notou na cratera Copérnico.

Na Lua, fenômeno desta natureza foi observado pela primeira vez por Mader, em 1840. Hoje, entre as várias regiões que registram essa luminosidade, inclue-se a de Copérnico. Quanto às cau-

sas, além de se cogitar sôbre a possibilidade de rochas fosforescentes em certos locais, sabe-se que os gases nobres, conforme o argônio ali acusado por Shapley, quando excitados por radiações de curto comprimento produzem fluorescências. A presença de rochas potássicas lunares, nas regiões dêstes fenômenos, seriam as responsáveis pelas emanações dêstes gases. Os raios curtos são das radiações do Sol, que ali incidem diretos, por falta de anteparo atmosférico.

Êstes fenômenos têm merecido cuidada atenção dos pesquisadores, e se fossem luz artificial interna do astro, ou sinais dos supostos selenitas, o seu comportamento permitiria diferencia-los dos de ordem natural.

Sôbre as observações dos russos na cratera Alfonso não se trata daquelas luminosidades, pois esta região não está incluída entre aquelas que emitem tais fenômenos. O que êles acusaram foram emanações de uma erupção vulcânica. Nesta observação não houve influência do materialismo, para que se desviasse a questão. Êste negativismo não é contra a existência de vida em outros mundos. Êstes observadores são os que mais têm se revelados em favor da pluralidade dos mundos habitados. Lendo-se o que publicámos nos exemplares desta Revista, do mês passado, ali se confirma o que aqui estamos dizendo sôbre êstes célebres homens de ciência.

E para finalizar diremos que se desejarmos admitir vida planetária em outros mundos, sem ser pelos métodos da ciência, nem por isso deveremos julgar que o empirismo seja senha que se justifique choques com a razão.

Como, pois, aceitarmos a presença de seres inteligentíssimos na Lua, se esta gente, com tantos recursos científicos, que, que se diz, jamais nos ofereceram qualquer sinal de sua existência? Não se pode alegar deficiência das nossas lentes porque, ali, um objeto em movimento do tamanho de um zepelim não escaparia do nosso campo ótico, sem falarmos nos progressos das nossas observações pela fotografia e espectrografia celestes.

Seria estranho que êstes supostos selenitas não se preocupassem com os nossos planos de atingir a Lua pois já foram arremessados para lá dois perigosos projéteis balísticos (russos e ameri-

cano), que não passaram tão longe daquele alvo. Tão ingênua passividade não credenciaria uma civilização como altamente evoluida, uma vez que deveriam saber que estariam se expondo a sérios riscos, com êsse apático silêncio.

E aqui nos despedimos, com louvores ao nosso confrade Sr. Arnaldo S. Thiago, pela sua valiosa e construtiva oposição nesses debates que, seja-lhe ou não favorável, de qualquer forma está contribuindo em favor da verdade.

V. O. Casella

Caixa Postal 153 — Est. de S. Paulo —
Araraquara

CORRESPONDÊNCIA

Recebemos do médium Sr. Hercílio Maes, com delicada dedicatória, mais uma de suas obras mediúnicas, da série

das que se dizem de Ramatis. O título é «A Sobrevivência do Espírito», ditada pelo mesmo processo das anteriores, sob perguntas e respostas. Ali, entre outros assuntos, de sentido cristão, a Música e o Esperanto receberam capítulos substanciais.

Tratando-se de obra mediúnica, sem responsabilidade doutrinária, sua leitura é acessível aos reencarnacionistas em geral.

Aqui ficam nossos agradecimentos pela gentil oferta, que muito nos sensibiliza.

V. O Casella

N. da R. — Cumpre-nos informar aos leitores que o presente trabalho foi enviado a esta redação, em data anterior ao envio do último projétil soviético, que atingiu a Lua, em data de 13-9-59, motivo pelo qual, não se acha qualquer referência sôbre êsse sucesso.

Prestemos uma homenagem ao Prof. Allan Kardec

(Especial para «Revista Internacional do Espiritismo»)

Allan Kardec foi professor, foi mestre, pela sua biografia vemos como se interessava pela educação da mocidade, dava aulas gratuitamente àqueles que não podiam pagar seus honorários, mostra êsse fato que Kardec era professor que se interessava pelo ensino em si.

O Prof. Kardec foi um dos maiores libertários do espírito humano, as suas obras estão aí para quem quiser comprovar a afirmação, amigo da Ciência, do Progresso e da LIBERDADE.

Os espíritas não podem alheiar-se do que se está passando no Brasil: as contínuas campanhas medievalescas contra a LIBERDADE DE CÁTEDRA, ora num, ora noutro Estado da Federação; é uma campanha dirigida por mentalidades

retrógradas, mentalidades que não se afinam com o século XX e querem, insistem em viver, mentalmente, no século X.

Não é preciso muita perspicácia para notar de onde tem saído o grito de alerta contra a Ciência materialista... é sempre da mesma procedência, os mesmos que «churrasquearam» os homens livres do passado, dos mesmos que queimavam livros em praça pública.

Os espíritas não podem se calar, não podem ficar «bonzinhos» agora, têm que se manifestar, têm que apoiar os homens livres que estão lutando contra essa onda medieval que quer abranger o Brasil; vemos o que tem acontecido nos Estados Unidos, vemos como tem sido feita naquele país irmão a cam-

panha sorrateira no comêço e ostensiva agora, contra o laicismo, contra a LIBERDADE de ensino. Ponhamos as nossas barbas de mólho e iniciemos já, agora, o revide, precisamos nos arregimentar contra a campanha contra o ensino livre que se está avolumando em nossa terra.

Os que conquistaram as liberdades laicas em nossa terra nos legaram um talento que precisamos pôr em circulação, não enterrá-lo, há os que não sabem preservar as conquistas do passado, mas nós, espíritas, temos o dever de lutar pela LIBERDADE DE ENSINO, devemos lutar pelo LAICISMO.

O grito de «ALERTA» tem de sair da Revista de Cairbar, si o velho lutador, no seu tempo, assistisse ao que se está passando, seria o primeiro a vir a campo para mostrar o valor da Doutrina e o respeito que ela tem pela LIBERDADE; as pedras calariam... mas Cairbar, jamais!

Espíritas, a LIBERDADE DE ENSINO está ameaçada em nossa terra; Espíritas, somos LIBERTÁRIOS POR ÍNDOLE, somos discípulo do MESTRE DOS MESTRES e do Mestre Allan Kardec. O nosso silêncio é criminoso. Não podemos nos calar.

Mac Maynard



A Mediunidade nas Velhas Culturas



Deolindo Amorim

Quando se diz, às vêzes, que o Espiritismo tem elementos para projetar luz sôbre diversos campos do conhecimento humano, há sempre quem duvide, como também há quem considere impossível levar as proposições espíritas a determinadas províncias da cultura. É o que parece... Diversos fatos poderiam ser citados para demonstrar que o Espiritismo pode clarear muitos caminhos na pesquisa científica, como pode desfazer muitas dúvidas nas ciências humanas. Não queremos dizer, com isto, que é lícito «misturar» os assuntos que se deva chegar ao exagêro de pretender reduzir todos os fenômenos da natureza a explicações unilaterais, nem tampouco seria razoável recorrer ao Espiritismo para dar solução a todos os problemas. Seria um êrro de metodologia. No terreno das técnicas, cada ciência tem o seu modo de ação, seus meios próprios de aplicação. O que temos dito é que, constantemente, surgem problemas nos mais variados campos do conhecimento humano, obrigando o estudioso ou experimentador a aceitar a evidência de certas realidades não previstas em seus esquemas especializa-

dos. E' neste ponto, portanto, que o Espiritismo pode esclarecer muitos problemas na seára das ciências humanas.

Ainda há pouco, tivemos ocasião de ler, no órgão da Federação Espirita Internacional («Yours Fraternally») uma notícia interessante. Um antropólogo alemão, que vem estudando as tribus Nagas, em Assam, publicou um livro em que relata experiências pessoais com diversos médiuns e, finalmente, estudando bem as crenças daquela tribu, chegou à conclusão de que, ao lado das superstições encontradas entre os Nagas, há provas verdadeiras de comunicações de espíritos desencarnados. Ora, a Antropologia Cultural, também chamada Etnologia, estuda justamente as *culturas* ou os povos através de suas manifestações culturais. Cultura, na conceituação antropológica, envolve tôdas as formas de atividade: artes, técnicas, etiquêtas, organização social, crenças, símbolos etc. Este conjunto, que caracteriza um povo, é a sua *cultura*, em têrmos antropológicos. Quando o antropólogo estuda a vida de uma tribu, não pode dispensar a contribuição do fator religioso, porque

faz parte da *cultura* em seu aspecto espiritual. Muitos antropólogos, entretanto, tendo feito pesquisas entre diversos povos africanos e asiáticos, não deram muita importância ao elemento mediúnico, mas apenas se preocuparam com os processos pelos quais certos povos chamados atrasados entram em comunicação com os *mortos*... Já agora, porém, um antropólogo alemão procura ver mais longo, e viu bem, porque, tendo partido da observação de alguns fenômenos objetivos, encontrou esclarecimentos para determinados aspectos da cultura dos *Nagas*, o que, até então, lhe era desconhecido. O mediunismo, portanto, abriu uma clareira nas pesquisas do antropólogo, que adotou, neste ponto, um critério mais científico do que o critério de alguns cientistas brasileiros. E serão mesmo cientistas?... Alguns patrícios nossos encaram o mediunismo apenas pelo lado exótico, através daquilo que é mais pronunciado no aspecto patológico da mediunidade, mas não fazem estudos capazes de subir a esferas mais altas da especulação. Frequentam *terreiros*, tomam nota do que há de mais grosseiro, mais impressionante, e deixam de lado o estudo da mediunidade em si, como faculdade especial. Nossos homens de ciência geralmente procuram as manifestações esquisitas ou grotescas, como campo de observação, e nunca procuram observar e estudar o mediunismo dentro do Espiritismo. Conhecem, êles, todos os tipos de *terreiros* («macumbas», «candonblês» e «catimbós») mas não conhecem a prática mediúnica no meio espírita, porque não frequentam sessões espíritas do tipo experimental, orientadas pela doutrina.

Pois bem, o antropólogo alemão servindo-se de outras lentes intelectuais, descobriu aspectos novos entre os *Nagas*, pela mediunidade. Convém notar que quando o cientista se dirigiu àquela região para fazer os seus estudos in-loco, não levou a intenção de tratar da sobrevivência da alma ou de qualquer outro problema considerado transcendental para o homem afeito às ciências puramente humanas. Seu interesse científico era outro, muito diferente, aliás, porque as suas preocupações estavam encaminhadas para as manifestações exteriores da cultura: costumes, objetos de uso,

folk-lore, expressão física dos *Nagas* e outros aspectos. Todavia, assim que entrou na intimidade da tribo, notou manifestações menos comuns; certos fenômenos lhe chamaram a atenção, de tal forma, que o cientista alemão se voltou seriamente para êsse inesperado problema e encontrou, assim, uma prova irrecusável da sobrevivência do espírito após a morte. Então, e por causa disto, passou a compreender melhor a psicologia dos *Nagas*, como também encontrou explicação para o *porquê* de algumas reações típicas daquele grupo. Sendo imortalistas, porque acreditam na imortalidade do espírito e na vida futura, claro é que os *Nagas* têm comportamentos e concepções especiais; mas tudo isso era ignorado pelo antropólogo. Somente algum tempo depois, em virtude dos fenômenos mediúnicos, é que lhe foi possível *desvendar* alguns traços anteriormente incompreensíveis. O ponto de partida foi a mediunidade, que permitiu novas inquirições científicas. Pelo fenômeno mediúnico, portanto, o antropólogo foi levado a conhecer mais uma faceta da *cultura* dos *Nagas* e, dêste modo, aumentar o cabedal de suas aquisições científicas. A Antropologia identifica, hoje, a mediunidade nos traços das mais velhas culturas.

Não se trata propriamente de um estudo especial do Espiritismo, mas o fato é que o Espiritismo explica o fenômeno mediúnico fora de toda a engrenagem de crendices e superstições. Outros estudiosos de culturas antigas também verificaram interessantes aspectos da crença na imortalidade da alma. A Antropologia cultural ou Etnologia tem muito material colhido nos «trabalhos de campo». Muitas tribus, por exemplo, costumavam deixar até objetos e alimentos na sepultura, indicando que o *morto* voltaria para utilizar os seus objetos. A Arqueologia descobriu, por meio de escavações, «potes» e vasos nos quais alguns povos conservaram objetos de usos e armas. Tudo isto são vestígios da crença na sobrevivência do espírito depois da morte. O antropólogo encara tais elementos pelo prisma da ciência humana e, se fôr inclinado para o materialismo, não terá o menor interesse em fazer disto uma base para o estudo da imortalidade espiritual. Se, porém, o cientista já tem a sua cultura informada por algumas noções fundamentais do Espiritismo, o pro-

blema se lhe apresenta de outro modo, e muito mais interessante.

Na realidade, não se pode dizer que haja *Espiritismo* no bôjo dessas culturas, apesar de haver a crença na comunicação dos espíritos. Seja como fôr, existe o fato mediúnico, como existe a idéia da vida futura ou de «outra vida». Para certos povos, chamados «incultos», essa crença é tão comum, tão antiga, que chega a influenciar os seus padrões de comportamento. O papel do Espiritismo, em tudo isso, é explicar a razão de ser da crença na vida futura, esclarecendo a fenomenologia mediúnica, que tanto se verifica entre as tribus obscuras como nos salões da mais requintada civilização. Isto prova, portanto, a universalidade do fato mediúnico. O Espiritismo fornece ao estudioso ou pesquisador os elementos

necessários para a interpretação do fenômeno, ainda que as manifestações estejam envolvidas na confusão das credices ou dos rituais exóticos. O fato em si é o que interessa ao estudioso, e êsse fato, se fôr bem compreendido, pode levar a indagações filosóficas muito altas, desde que o observador seja uma criatura dotada de senso filosófico. Vê-se, por aí, que o Espiritismo, sem se confundir com nenhuma forma de credice, pode auxiliar muito a ciência humana, fornecendo-lhe meios para separar criteriosamente o campo do fenômeno e o campo da superstição. No terreno mediúnico, finalmente, nesta ou naquela cultura, entre «selvagens» ou entre «civilizados», em qualquer parte, afinal de contas, nenhum cientista poderá trilhar com segurança na interpretação do fenômeno sem as luzes do Espiritismo.

◀ Ciência Pura VERSUS Furor Tecnológico ▶

«Nossa época é dos mediócrs em Arte» — houve por bem declarar o professor Flexa Ribeiro, num dos folhetins que vem publicando no *Jornal do Comércio*, desde 26 de agosto de 1950, sob a epígrafe sugestiva — «NO CICLO DAS BELAS ARTES», ao qual deu o subtítulo de «A arte e a máquina», achando-se inserto no mesmo jornal, em sua edição de 24 de maio último.

Venho acompanhando religiosamente, desde o primeiro folhetim, o magnífico trabalho do Dr. Flexa Ribeiro e vejo que é um dos raros inadaptados ao clima superlativamente hedonístico desta fase nevrálgica da civilização materialista, que os povos de origem européia estão vivendo e que, destinada a libertar o espírito humano do obscurantismo dogmático-religioso, é substancialmente preparatória da idade de ouro que vai, prestes, abrir-se para a humanidade, graças à poderosa influência que já se está exercendo sobre as inteligências, provinda das altas esferas da sublime realidade espiritual que há de caracterizar um dia a vitória do Cristianismo do Cristo.

Outro insigne manejador da pena, o Dr. Luiz Gouvêa Labouriau, também externa oportunos conceitos em defesa da libertação do espírito humano das cadeias

dêsse hedonismo recalcitrante que teima em asfixiar a inteligência, convertendo-a em simples instrumento de apropriação dos bens naturais exclusivamente para a satisfação das exigências instintivas da nossa materialidade, ou antes, animalidade, que vive às soltas e se patenteia ignôbilmente, por falta de educação e de disciplina, verdadeiramente religiosa, que controle os baixos instintos da espécie, ainda tão próxima, segundo os princípios do Evolucionismo, dos irracionais superiores. O campo de ação, porém, do Dr. Labouriau é o da Ciência, e, para que os leitores possam beber na fonte original a linfa preciosa das idéias externadas pelo homem de ciência, a quem nos estamos referindo, pedimos-lhe, e obtivemos permissão, para transcrever êste seu magnífico artigo, inserto à página 4 do 3.º caderno (CIÊNCIA), do *Jornal do Comércio* de domingo, 24 de maio de 1959: «PESQUISA BÁSICA E PESQUISA TECNOLÓGICA».

A aludida revista, de nossa direção, é, porém, de pequena tiragem, por que, dado o empenho que temos de divulgar as idéias nesse útil trabalho expostas, resolvemos fazer-lhe alguns comentários, para os quais solicitamos boa acolhida dêste órgão de publicidade, cuja circulação

ultrapassa mesmo os limites da nacionalidade.

«Um dos erros mais graves que se pode cometer em matéria de conceito sobre pesquisa científica — esclarece logo de início o articulista — consiste em pensar que é desperdício de energia inverter capital e tempo em investigar questões puramente científicas, quando existem problemas tecnológicos de necessidade gritante, reclamando uma solução. Se êsse modo de ver predominar em algum país, região ou universidade, a pesquisa tecnológica seguramente estacionará em tal lugar, ou viverá de cópias fracas e inoperantes.

Para ilustrar essa opinião, por um exemplo, vou expor sucintamente os resultados tecnológicos espetaculares que foram obtidos pelo estudo das substâncias químicas que estimulam o crescimento das plantas (substâncias denominadas «auxinas») e, em seguida, mostrar como é que tais resultados foram obtidos».

Corroborando as idéias do Dr. Labouriau, procuraremos trazer alguns raciocínios filosóficos, pertinentes a outra esfera de atividade mental ainda não muito estudada nos círculos científicos oficiais, conquanto já tenha constituído objeto de investigação de grandes nomes da Ciência, como William Crooks, Charles Richet, Gabriel Dellane, De Rochas, Zoelner e tôda uma extensa coorte de autores, cujas obras convidam os homens de livre pensamento a investigar verdades transcendentes ao plano nimamente material, em que agimos através dos cinco sentidos, ainda tão precários e limitados na espécie humana.

No *avant-propos* à «L'UMANITÉ PREHISTORIQUE», de Jacques de Morgan, edição francesa de 1937, Henri Berr, concordando em que *dans l'ascension «des formes vivantes, on y voit apparaitre la forme humaine»*, admite que «seja ela, que é sobretudo o resultado dêsse impulso interno que constitui a própria vida e que, no cérebro humano, faz eclosão no pensamento». (... *elle est aussi, elle est surtout le résultat de la tendance, de cette poussée interne qui constitue la vie meme et qui, dans le cerveau humain, aboutit a la pensée*). E mais adiante: «*C'est notre besoin de savoir, de voir de plus haut et plus au loin, qui nous a fait atteindre à l'attitude verticale parfaite dont nous sommes fiers*», dit M. Perrier».

Essa «atitude vertical de que somos orgulhosos», não deve ser considerada apenas no sentido anatômico do nosso organismo, instrumento que é da atuação da inteligência humana sobre o mundo material que a constringe e que a mesma inteligência vai pouco a pouco afeiçoando às suas necessidades espirituais, depois de tê-lo afeiçoado ao seu bem-estar e às suas necessidades imediatas.

Como acentua Henri Berr, *bien plutôt que Homo Sapiens, l'homme aux origines, est Homo Faber* e, se, realmente, como raciocina Paul Lacombe, «*l'art et la science se degagent de la technique, sendo que «pour le meme P. Lacombe, comme pour Weber, par opposition a Auguste Comte, la première phase de l'humanité est technique, et non théologique (L'HUMANITÉ PREHISTORIQUE, avant-propos, pág. XV e nota 3)* temos que admitir que a cultura evolui da técnica para a ciência pura e para a arte pura, sendo êsses os estágios superiores a alcançar pela nossa civilização que, exatamente por êsse afêro à pesquisa tecnológica, sem outro ideal, sem outro objetivo que não seja a conquista do progresso material, do bem estar físico, torna ainda hoje o homem tão infeliz e a sociedade tão intranquila e claudicante.

A máquina, os homens de gênio científico, laboriosos e tenazes, não a inventaram e aperfeiçoam cada vez mais, senão para libertar o homem dos trabalhos mais rudes e que lhe exaurem as forças físicas. A técnica, outra significação não pode ter senão a de facilitar ao artesanato os meios de produção, para melhor e mais facilmente produzir tôda espécie de utilidades que servem ao homem de alimento, de abrigo, etc., etc., mas que absolutamente não lhe podem servir à felicidade, porque esta muito menos de pão do que de sentimento e sabedoria precisa.

Parece incrível que tantos séculos de dolorosa experiência ainda não tenham conseguido orientar os homens no sentido da paz e da cooperação fraterna!

Que lhes falta? Educação, simplesmente educação moral e cívica, firmada na convicção imortalista que induz decisivamente ao senso de responsabilidade, condições primordiais para que a cultura não degenerere em insatisfação e cepticismo, capazes de materializar tôdas as conquistas do pensamento, aplicando-as a meros objetivos sensuais, após cuja conquista o coração se encontra tão vazio como antes

de chegar a êsse resultado sempre e cada vez mais precaríssimo, à proporção que o cálice dos prazeres sensuais vai sendo avidamente exgotado.

Não pensam nisso os nossos mentores culturais e políticos, nem mesmo quando se elevam, como estadistas, à culminância do governo das nações e à liderança das forças nacionais. É chegado, porém, o momento em que governar será, acima de tudo, educar.

Que vale um homem sem educação, brutalizado e forçando os semelhantes a se brutalizarem para que se possam defender da investida dos irresponsáveis?

A pesquisa tecnológica, com a exclusividade que lhe querem dar os que reagem sistematicamente contra quaisquer manifestações idealísticas, sejam de natureza religiosa, filosófica e mesmo científica, determina abastardamentos psicológicos que levam à guerra as nações e a constantes lutas de interesses os indivíduos, ao passo que a pesquisa básica desenvolve o sentido da cooperação, que somente pode manifestar-se em ambientes de paz: doméstica, social, internacional.

Com a aplicação a obras utilíssimas de paz (utilização dos desertos, irrigação ininterrupta de regiões assoladas pelas secas periódicas, ligação das redes fluviais, mecanização da lavoura, industrialização de inúmeros produtos, etc., etc.), dos imensos recursos de que dispõem tôdas as nações do globo, sejam de ordem técnica, financeira e econômica, ou digam respeito à abundância de suas matérias primas, para o que o engenho humano tem inventado máquinas de todo gênero e processos realmente dignos de admiração, a fome desapareceria da superfície da terra, as endemias seriam debeladas, tornando-se tôdas as doenças de fácil extirpação, graças a métodos de vida morigerados e virtuosos que a educação prodigaliza.

Em um prodigioso mundo, assim organizado, todos os homens sentiriam prazer em cooperar para que houvesse boa ordem em todos os serviços públicos e, quanto às ocupações particulares, de ini-

ciativa individual, seriam desempenhadas com ânimo altruístico, de modo a que interesse algum se julgasse ferido.

Uma extraordinária limitação nas exigências, hoje tremendas, devido à instabilidade social e ao satânico egoísmo que domina todos os espíritos, substituiria êsse afan de ganhar, seja de que modo fôr — e então, num clima de tranquilidade e confiança, a cultura, por uma boa educação inspirada incoercivelmente, teria por objetivo alcançado o conhecimento cada vez mais profundo das leis universais, emanadas da sabedoria divina, segundo as quais, apesar dos desesperos humanos e da desordem que reina entre os homens, executam-se os planos divinos com uma inflexibilidade notável, que somente não vêem os piores cegos, isto é, aqueles que não querem ver.

A técnica, portanto, conduz à pura Ciência — e esta orienta o espírito humano, no infinito oceano do Cosmos, como a bússola guia o nauta através do oceano, com a segurança de que necessita para chegar a bom pôrto.

E vale bem a pena estruturar sobre alicerces de uma sólida educação moral e cívica, o imenso edifício do saber, porque assim êle nos abre largas portas à felicidade eterna, e à eterna volição da inteligência para estágios cada vez mais elevados, que o homem pode ir conquistando na indefectível hierarquia espiritual que não comporta, como as graduações hierárquicas da terra, artificialismos ilusórios e aberrações hediondas, que tanto têm feito sofrer as coletividades humanas, mesmo aquelas que se poderiam supôr isentas de tais flagelos pelo alto grau de cultura a que chegaram, infelizmente, materialista e afastada de Deus.

PESQUISA BÁSICA e PESQUISA TECNOLÓGICA, em suma, em vez de colidirem, devem unir-se estreitamente para que haja paz e felicidade na terra.

Arnaldo S. Thiago

Rio, Junho de 1959.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo enderêço, o obsequio de nos mandar com tôda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo enderêço; 3) o novo enderêço, para onde a Revista deve ser enviada.

Escolhe, tu mesmo

Os materialistas negam a preexistência, a própria existência e a sobrevivência do espírito humano. Para eles a inteligência do homem é um estado ou disposição ou propriedade da matéria. Nada preexiste à sua formação no homem, como nada sobreviverá à morte do seu corpo, segundo a doutrina materialista. Afeições morais, cessam; laços de parentesco, rompem-se, pela morte, definitivamente. Os sofrimentos e as misérias morais não são explicáveis, nem dignos de compensação; o suicídio apresenta-se, então, ao materialista, como a solução lógica da dor irremovível. Inútil lhe será lutar para vencer suas imperfeições morais; sem razão lhe parecem os atos de amor ao próximo, os gestos de caridade. Ele crê que deve viver para si o melhor possível. Para que sacrificar o seu bem estar, contrariar as suas tendências, em proveito de alguém que será «nada» depois desta vida, tal como ele mesmo o há de ser? O bem e o mal, os deveres sociais, são uma estupidez, inventada para contrariar o seu instinto de gozar melhor a vida; e a contenção social não passa de ação material da lei civil, a seu vêr.

A doutrina panteísta ensina que a alma existe e é independente do corpo, como um princípio inteligente, espalhado por todo o universo, livre da matéria, o qual se pode individualizar em cada ser — apenas durante a vida dêste, e deve voltar à massa comum, pela morte, tal como voltam ao oceano as águas da chuva, que do oceano saem evaporadas pelo calor solar. Dêsse modo, sem a sua individualidade permanente e sem a consciência de si mesma, a alma, ou o ser real, é como se não existisse. O bem ou o mal, que praticasse, não teria consequências futuras para ela. Não valeria a pena, pois, sacrificar-se na prática do bem. É uma doutrina exatamente idêntica à dos materialistas, quanto às suas consequências morais.

A doutrina deísta congrega duas ordens de crentes: deístas independentes e deístas providenciais. Os primeiros crêem que Deus estabeleceu leis gerais, que regem o universo; e que essas leis

funcionam por si só, à revelia do seu autor. As criaturas fazem o que querem ou o que podem, sem que o Criador se importe de seu procedimento. Por isso mesmo, nada lhe devem pedir e, muito menos, agradecer, desde que Deus não se ocupa com elas. Os segundos, os deístas providenciais, crêem num Deus criador, não somente na sua existência como, também, em sua intervenção, incessante, na criação. Condenam, porém, o culto externo, o dogmatismo atual.

A doutrina dogmática prega a existência da alma, independente da matéria, uma alma criada para cada ser, conservando a sua individualidade depois da morte do seu corpo. Considera, entretanto, irrevogável a sorte da alma depois da morte da matéria que animou, fixada definitivamente, sem possibilidade de progressos ulteriores, permanecendo para sempre no mesmo estado intelectual e moral em que se encontrava quando cessou a vida física. Condenada ao inferno, se procedeu mal, aí eternamente permanecerá. Deus lhe recusa o direito do arrependimento e a possibilidade de reparar o mal que fez. Se procedeu bem, será premiada com a inatividade perpétua, com a indolente contemplação do céu, e com a extasiada imobilidade infinita à frente de Deus, em permanente estado de adoração. Esta doutrina estabelece separação definitiva e absoluta entre condenados e eleitos; justifica a inutilidade de socorros morais (preces, orações) às almas condenadas; aceita a criação de almas privilegiadas (anjos, arcanjos) isentas de passar pela encarnação (como as outras) para chegarem à perfeição, criadas especialmente para gôzo da bemaventurança; etc., etc.

A doutrina espírita veio provar, com fenômenos ou fatos irrecusáveis, a existência da alma individual antes de sua encarnação, isto é, a preexistência do princípio inteligente antes da matéria por ele animada; e a sobrevivência da alma individual, depois de cessada a vida do corpo. Constatou que o ponto de partida é o mesmo para tôdas as almas, sem exceção; que tôdas possuem idênticas possibilidades de progresso indefinido,

sem privilégios ou favores, concedidos a umas em detrimento de outras; que os anjos são almas elevadas à perfeição pelos seus próprios esforços, depois de terem passado, como tôdas as outras, por todos graus inferiores; que as almas progridem mais ou menos rapidamente à medida do seu trabalho, pelo seu livre arbítrio; que a vida espiritual é a normal, a eterna, a verdadeira, não passando a vida corporal de uma fase passageira, de um mergulho da alma na carne; que a alma progride tanto num estado como no outro, encorporada ou livre; que o estado de encorporação lhe é necessário, até que tenha alcançado um certo grau de perfeição, desenvolvendo-se pelo trabalho, a que a sujeitam as próprias exigências de vida nesse estado, e adquirindo, assim, conhecimentos práticos especiais; que, sendo insuficiente uma única existência corpórea para chegar a êsse relativo grau de perfeição, reencarna-se tantas vezes quantas lhe forem necessárias, trazendo das reencarnações passadas e da erraticidade livre o adiantamento adquirido; e que quando adquiriu, neste mundo, ou no mundo

de sua esfera, todo o adiantamento que nêle se possa adquirir, transmiga-se para outro mundo mais adiantado moral e intelectualmente. Nesse caminhar incessante chega a alma à perfeição absoluta, o estado de completa felicidade. A sua desgraça, o seu inferno nunca é eterno; e perdura, apenas, enquanto se obstina no mal, um estado de relativa duração.

O Espiritismo nos ensina, comprovando os seus ensinamentos com relatos fartamente autenticados por múltiplas experiências de eruditos e sábios experimentadores, em fenômenos espíritas de tôdas as categorias, que a nossa vida atual, feliz ou desgraçada, é a consequência das nossas vidas passadas, assim como a nossa próxima vida futura há de ser a consequência imediata da vida atual.

Escolhe, tu mesmo, leitor amigo, entre as cinco alternativas acima (a do materialismo, a do panteísmo, a do deísmo, a do dogmatismo e a do espiritismo) aquela que melhor te sirva de orientação.

Aleixo Victor Magaldi

Gentes de hoje e Doutrina Espírita

v. lirenedo



E, de um lado estudarmos com raciocínio ativo, ponderadamente, para não dizer com carinho, com amor, a Doutrina dos Espíritos, os livros do Espiritismo Cristão que de continuo nos surgem ditados por entidades do Espaço ou de autoria de encarnados, se, iniciávamos, de um lado estudar tais mensagens com raciocínio-ponderação e, doutro lado analisarmos e sopesarmos o comportamento sistemático e crônico das sociedades hodiernas, mesmo a contragosto chegamos a esta conclusão claríssima, até desconcertante: a humanidade está todavia fazendo um jus pequenissimo à dádiva do Espiritismo codificado.

Veja-se, observe-se, tome-se o pulso do dizer, do fazer, do agir e reagir individual e coletivo, popular ou oficial,

das pessoas e dos povos, e concluiremos cabalmente pelo mínimo do nosso reconhecimento, de nossa gratidão a que o Pai Divino e o seu Cristo nos ofereçam caridosamente tantas réstias de luz, nos brindem amorosamente com tanto esclarecimento transcendente.

Mas irmãos, em que dose, grau ou medida a humanidade absorveu ou está absorvendo a clareza, a racionalidade, a lógica, o equilíbrio, o sentimento, o idealismo sublime do Espiritismo Cristão? Da mensagem de consolação e advertência do Kardecismo, em termos gerais o que assimilaram ou estão assimilando a família, a sociedade, os povos, as nações? Partindo até de cada um de nós, mal e mal estamos querendo nos conhecer a nós mesmos.

A humanidade vai ainda desagradecida à dádiva religiosa-científica-filosófica do Espiritismo Cristão que é o com-

plemento seqüente do Evangelho. As coletividades, como se mostram até hoje, provam seu pouco ânimo para saírem de dentro dos dogmas estacionários que, engolfados no sectarismo feroz, tresandam imediatismos e interesses terrenos.

Como se estivessemos na Roma dos Césares, subsiste hoje o acomodamento coletivo ao dogmatismo artificioso, suntuário, aparatoso. Continua invariável a atitude de ministros religiosos, nas capitais e cidades interioranas; aquêles vícios de olharem tão somente o título dos livros espíritas, recusarem folheá-los e pregar azedos contra êles nos templos a uma assistência que não vai aí para saber de pruridos sectários, mas assistência que sem mais ponderação aceita os argumentos ouvidos e mecânicamente, se previne contra o Espiritismo. E também recheio vai o intelectualismo de cérebros que não querem entender, de olhos que não querem ver, de ouvidos que procuram ouvir puerilidades repisadas para não registrar reclamos a perquirições mais exigentes, *verticais*.

Por isso, nas escolas, nas salas de conferência, letrados espraiando o seu academismo clássico externam claramente o próprio ceticismo religioso, a sua incredulidade espiritual; elogiam autores materialistas e tecem ironias ferinas à realidade espiritista. E os novos que nesses colégios da cultura deveriam beber da água viva do Cristo, bebem, sim, coitados, tais venenos densos como se jorrassem êles próprios das fontes da sabedoria. E gerações novas, deseducadas no lar, sem religiosidade que as norteiem firmemente, que as amoldem espiritualmente na contenção, com mentores escolares sectários, descrentes ou sofistas, essas gerações eclodem numa juventude transviada de hoje que será a maturidade possivelmente falha de amanhã e a velhice possivelmente falha de depois de amanhã.

Considere-se que o Evangelho nos foi legado há quase dois mil anos e que a Terceira Revelação há já um século. As gerações velhas se pejaram de erros e de culpas graves, e as gerações atuais estão também em erros e culpas, vão indo responsáveis espiritualmente para erros maiores e culpas maiores. Velhos foram substituídos por novos na tirania política, no facciosismo religioso, nos monopólios que imantam sobre a terra a fo-

me coletiva crônica, nos sistemas anti-econômicos que elevam o custo do viver, no uso e abuso de uma justiça de dois pesos e duas medidas, na técnica dos pronunciamentos armados que em sangue tiram do poder um partido para colocar outro partido, na ultra-criminosa indústria bélica para a guerra fria e quente. O panorâma é velho e prossegue ampliando-se dentro da leviandade, da irresponsabilidade. Dos púlpitos do tradicionalismo dogmático exacerba-se o combate ao Espiritismo codificado ao envés de aí convidar-se a assistência para que o estude e o analise e depois o julgue livremente. Maiorais das academias da cultura, da Ciência, que não entram nesse combate obstinam-se por outra em não tomar conhecimento do Kardecismo, levando a que agremiados menos cautos, de menos boa vontade os imitem inteiramente na prevenção descabida, absurda. Tantas inteligências deviam já haver compreendido mas não querem compreender que a descrença é esterilidade onerosa hoje e amanhã, que a verdadeira espiritualidade se degrada e decompõe justo nas crenças de exteriorização e na algidez do cientificismo. Aí estão no mundo de hoje as atitudes mais primitivistas, as ações menos cristãs, menos evangélicas — aí está a crescente misturada de bombardeiros e canhões, de mil engenhos mavórticos ultra-potentes cujo custo vai a cifras astronômicas. Mas, gravíssima é uma realidade: êstes cérebros encasulados no dogma, na ciência cética, na política demagógica, na negação espiritual, na jurisprudência que pune com a morte, na técnica e estratégia dos massacres maiores e mais rápidos, êstes cérebros se formaram e se vão formando quando as sublimes claridades da Terceira Revelação incidem sobre o orbe há um século já. A estagnação se patenteia criando e infirmando o sombrio. Afirmou-se mesmo, algures, que as gentes do terceiro milênio estarrecidas ficarão ao simples mencionar de apenas algumas atitudes e idéias das gerações atuais. Ah! se nos compenetrássemos de quanto nos custará esta obstinação na má-fé, no comodismo, na descrença, no imediatismo, na anti-fraternidade! Quão felizes os que compreendem a importância do seu HOJE em relação ao seu AMANHÃ.

A humanidade há quase dois mil anos já assim desagradecida, recalcitran-

te ao Evangelho não receberia mais um capítulo de luz intensa como o Espiritismo codificado não fôra a infinita bondade do Pai Divino. Há por aí fortes e amplos detalhes que parecem agravar-se dia a dia provando o desagrado das gentes a tanta benesse espiritual. O que não seria dêste planêta não fôsse a misericórdia do Alto que não cessa de operar em nosso benefício apesar de todo demérito, de nossa obstinação na in-

diferença, no êrro e malfetorias, no delinqüir velado ou flagrante, particular ou coletivo? Fácil imaginar a que sabidismo animalizado teríamos chegado se nos minguasse a bondade suprema de Deus transfundida poderosamente, tão poderosamente nas Suas Revelações à Terra. E a rejeição dessas luzes significa débito enorme contraído conscientemente — é o que precisamos entender com tôda urgência.

Confusão Ubaldiana

O segundo ponto anotado pelo Prof. Joviano Tôrres, na pág. 31 da revista «Kabala» n.º 50, de setembro dêste ano, diz o seguinte: «Referindo-se à matéria e à energia, o Prof. Caramaschi persiste na mesma *confusão ubaldiana* que a crítica denunciou». O destaque é nosso.

Então é certo que a crítica denunciou a confusão ubaldiana, na qual, teimosamente, continuamos incorrendo. Mas quem fez a crítica denunciando esta confusão? Foi o ilustrado Prof. Tôrres, não só nos três artigos seus, saídos na «Kabala», como ainda em sua «Totalidade e Sociologia». Porém em que se fundamentou o Prof. Joviano, para fazer esta crítica? Quais os argumentos que trouxe? Quais as fontes científicas ou filosóficas em que se fundamentou?

O Prof. Pietro Ubaldi, ou «Sua Voz», por meio dêle, para escrever «A Grande Síntese», usou o método indutivo empregado pela ciência. Partindo, sobretudo, da matéria, erigiu o seu sistema sôbre colunas de fatos, pelo menos, fatos aceitos pelos homens de pensamento, aos quais se dirigiu afim de os levar para o espírito e para Deus. «Deus e Universo» veio depois como uma simples *hipótese de trabalho*, visto que quem não pode provar, não deve afirmar dogmáticamente. Assim procedeu e procede Ubaldi.

E o Prof. Joviano Tôrres, como fez e faz? Dogmatiza, apresentando as *suas verdades* como infalíveis. Não se fundamenta em coisa alguma, além de si mesmo.

O prezado Prof. Tôrres, em certa parte, diz: «Como tem sido aqui farta-

mente anunciado» (TS. 506). Mas não provado em nenhum lugar o que anuncia, nem científica, nem logicamente...

Noutro lugar está: «A verdade cósmica que constatei» (TS. 507). Constatou? de que modo? por quais meios? Constatou por meio de visões... E se essas visões forem alucinações visuais positivas de sonâmbulo?

Noutro passo êle nos diz «— já o asseverei sem reбуços»... (TS. 508). Asseverou sem reбуços?... Pois bem: então nós asseveramos sem reбуços que o negócio é diferente do que diz o Prof. Joviano. Porque? porque sim!...

Mais além: («— já o sustentei, anteriormente»)... (TS. 509). Sustentou, mas, não provou nada; pois não sendo para provar o Sr. Brederodes sustenta exatamente o contrário, visto que também tem suas visões. O que a Sancho Pança parecia simples bacia de cobre reluzente, que um barbeiro punha à cabeça, para resguardar-se da chuva, a D. Quixote era elmo de Mambrino, pois, «tinha isto de si: quantas coisas via, logo pelo ar as acomodava às suas desvairadas cavalarias e descaminhados sonhos» (Cervantes, D. Quixote, Clássicos Jackson, VIII, 152). Os Sanchos sempre seguem os Quixotes, embora não vejam, aquêles, o que êstes enxergam...

Prossequindo, declara o Prof. Tôrres: «— tudo é ilusão — desde a ilusão efêmera e momentânea da matéria, até a ilusão multimilenária do espírito!...» (TS. 517). Ora, se o espírito (alma) é um pingão de amor (TS. 514), então êsse pingão de amor é ilusão. Mas êsse pingão de amor, que é o espírito, é fagu-

lha divina, procedente de Deus; logo a fagulha divina é ilusão; e se é ilusão a fagulha, promanada da fonte, também o é a mesma fonte. Como esta fonte é Deus, segue-se que Deus é ilusão, ou uma «realidade» que cria ilusões e nada, o que vem dar no mesmo. Por conseguinte a suprema Realidade é Ilusão suprema, donde vem que tudo é ilusório, porque procede da ilusão máxima, participando, como criado, dos atributos da fonte. De outro modo: o espírito é uma ilusão multimilenária (TS. 517), e «Deus é Espírito» (TS. 601). Logo Deus é ilusão.

Noutro lugar, escreve o Prof. Tôrres: «Tudo é muito científico, no fim de contas, como estamos vendo. Não há mistérios. Há saber crescente...» (TS. nota 93, pág. 517).

Se o saber é crescente, quer dizer, progressivo, então, o mistério existe sempre, e se acha para frente, na zona do ignoto. Como, portanto, não há mistério?... e «tudo é muito científico»? onde, a ciência?... «Como estamos vendo»? mas quem está vendo?

Mais além: «Não se trata de meros estados da substância, mas de substâncias distintas, já foi repetido e assentado a valer...» (TS. 535). «Foi repetido e assentado a valer...», mas não provado em nenhum lugar por meio de um encadeamento lógico.

Avançando mais, declara o Prof. Joviano: «...a lógica cosmocêntrica ainda não foi formulada... Daí é que decorre a lembrada necessidade de confiança e crédito na palavra do revelador...» (TS. 582). Todavia é axiomático que quem vai fazer alguma coisa, primeiro cuida das ferramentas. Se os instrumentos do trabalho não existem, preciso é, primeiro, criá-los. Esta conclusão é inexorável. E para edificar um tão grande sistema, como pretende o Prof. Joviano, para o que seria necessário, segundo suas próprias palavras, de uma lógica de três centros ou cosmocêntrica; como é que o ilustrado Prof. saiu a edificar, sem as ferramentas do serviço? Como saiu a campo, como Golias, à frente dos filisteus, trazendo pesadas e grossas armaduras, já de muito absoletas, que se chamam *dogmas*, *fé cega*, «*confiança e crédito na palavra do revelador*»? De que valem tantas couraças e armaduras, se a testa (razão) está descoberta, vulnerável, pelo que se pode fazer tiro nela com as

pedras da lógica, usando a danosa fundação da dialética? Quer dizer que tudo o que o prezado Prof. disse até aqui, está na dependência da «confiança e crédito na palavra do revelador...»? Então todo o seu edifício se assenta sobre a fé cega que todos hão de ter na sua pessoa? Será que o ilustrado Prof. não enxerga que isto é um absurdo? E quem propõe o absurdo, por fundamento da verdade, acaso não será um alucinado? Seria que as muitas letras o fizeram delirar, como cuidou Festo, de Paulo, quando disse a êste: «Estás louco Paulo!» (Atos 26, 24).

Êste último pensamento nosso não está destituído de base, porque, logo a seguir, espiolhamos da obra do Prof. o ponto que diz: «A questão humana, no campo da compreensão, não é, porém, de nenhum modo, uma questão de matemática, de geometria, de aritmética ou mesmo de lógica: é questão de fé, de confiança, de crença, de consciência» (TS. 582).

Pronto! exatamente como dizíamos. Basta só a docilidade, para o Prof. Joviano meter o cabresto. E é para espíritos confessos e ufanos de sua fé esclarecida, que pretende o Prof., simplesmente, sem mais aquela, impingir a sua fé cega? fé na autoridade de revelador? e revelador porque revelou que o é? Audaciosas afirmações são nada neste nosso século de racionalidade e de ciência. Ora, esta é boa! «a questão da compreensão é uma questão de fé». Aquêles que crê, compreende. Basta crer, que isto é já compreender. Todos os beatos e crédulos compreendem, simplesmente porque crêem... Todavia o Prof. Joviano esqueceu de definir o que seja a fé, e explicar em que se deve crer... e se fôr em sua obra, porque?

Tocando por diante deparamos com o ponto que diz: «Do ponto de vista médiúnic, todo êste trabalho poderá, entre os adeptos do Espiritismo, ser considerado uma *comunicação espírita*, com esta diferença apreciável: não é fornecida por um espírito desencarnado, através do médium; é dada por um espírito encarnado, plenamente consciente de seus atos e objetivos...» (TS. 590/591). Dêste modo tudo é mediunismo e *comunicação espírita*, porque, tôda obra, *sem nenhuma exceção*, «é dada por um espírito encarnado, plenamente consciente de seus atos e objetivos...» Logo, tôda

a obra do Prof. Ubaldi e êste escrito nosso são trabalhos mediúnicos. Nós somos médiuns de nós mesmos. Nosso espírito se comunica por meio de nós, donde vem que êste escrito metacrítico é uma revelação que fazemos ao mundo, visto que somos o médium. e, ao mesmo tempo, o espírito comunicante. Como se chama tudo isto, senão, balbúrdia? Onde foram parar os sentidos das coisas?

E prossegue o Prof. Joviano: «Até o presente, os espíritas tiveram comunicações de espíritos desencarnados, privados do corpo físico, utilizando-se do aparelho fisiológico do médium. Estou, precisamente, inaugurando outra forma de mensagens espíritas, agora oriundas de espíritos ainda e justamente para êste fim revestidos de um corpo material e convivendo normalmente com a gente do mundo...» (TS. 591). Como se vê, neste ponto o Prof. Joviano se passa, a si mesmo, o atestado de missionário. Por um pouco não nos declarou, também, que tem corpo fluídico. Mas não tem; felizmente êle não passa de um comedor de feijão como todos nós... ou mais comedor até, em razão do que se sente gigante entre pigmeus, leão entre ovelhas, falcão entre pardais. Dizem que, por causar êstes danos, o feijão nasce de mãos postas, num gesto, antecipado, de penitente.

Todavia, querendo-se autorizado, declara: «E (repito-o, sempre) nada disso foi inventado... Nada nasceu de mim...» (TS. 623). Como não? se o Prof. Joviano inaugura êste novo tipo de comunicação espírita, de espírito encarnado?

«Nada disso resultou da imaginação ou da tendência pessoal...» (TS. 623). Todavia quem controlou o processo? Como estariam errados os outros fazedores de sistemas, se declaram ter tido experiência idêntica? Não seria alucinação visual de sonambulo, a tal cosmovisão? Se «não resta dúvida...», para o Prof. Joviano, que «Deus é um Grande «Mago» (TS. nota 96, pág. 538); se não lhe resta dúvida que o *Universo-Efeito* é completamente separado do *Deus-Causa*, tendo vindo, tudo o que vemos, do *nada absoluto*, por um passe de mágica; que muito é que o Prof. Tôrres esteja hipnotizado, alucinado, sonhando ver o que não existe? Se a mágica se

se fizer desinteressante, o Grande «Mago» poderá, entediado, bater palmas e dizer: está bem; basta... Dito isto tudo retorna ao nada de onde veio...

Buscando explicar sua missão, diz o Prof. Tôrres: «Tudo se passa como se o Cosmos, chamando-me, me houvesse mostrado tudo, dizendo: «Esta é a verdade; vai e transmite-a aos homens daquele mundo que vês (TS. 623) lá em baixo, mergulhado na sombra e no conflito... E eis que de fato vim... E aqui estou, realmente, escrevendo a Nova Bíblia da Humanidade, com expressa autorização dos poderes centrais do Cosmos... Poderão duvidar do que digo... Mas não duvidarão com base alguma ponderável...» (TS. 624).

Agora isto está certo... perfeitamente certo. Nós o confirmamos plenamente... Mas acontece que, depois que o Prof. Tôrres partiu para o reino do esquecimento e da matéria, o Cosmos nos chamou de parte, e nos disse: «Vai atrás do Tôrres, porque, na certa, êle vai se esquecer de que tôda a reforma, em base do esclarecimento, se há-de fazer com amor e compreensão, e não com violência: a fôrça não convence, nem mesmo a intellectiva, pelo que o adversário, às vêzes, sai derrotado, confundido, porém, não convencido, convertido. Para o fim desta grande reforma no mundo, mandei também Pietro Ubaldi, para operar na camada culta, e Alziro Zarur, para falar aos proletários. Vai, pois, atrás do Joviano, como te digo, e fica lá no teu pôsto observando. Se com ser capricorniano ou capro, o Joviano começar a espirrar, a cheir forte e a empinar, tu que és ariano, dá lhes umas boas cabeçadas, que para tanto tens fina a sátira e vigorosa a lógica. Usa os conhecimentos que acumulaste na tua alma através das idades transactas... Emprega a mesma técnica ariana, pois, que és carneiro velho e forte. Se tiveres que lutar, não te esqueças de como sempre o fizestes: afasta, corre, torna-te numa bala, e marra com o ariete danoso da cabeça (lógica), já mesmo na base ou alicerce... Preciso é acelerares a massa do corpo a tal ponto, multiplicando-a pela velocidade, que se deres u'a marra na testa de um touro afundá-la-as... A missão do Joviano é a de revelar para os que têm fé e crêm... Para falar à racionalidade cética e à ciência sem

fê, mandei, já, Ubaldi. Se o Joviano se exorbitar desta sua missão, pretendendo combater e destruir, mete-lhe tu, a cabeça, que para isto a tens dura e enrijecida pelos séculos sem conta... Mas carneiro não briga à toa, pelo que te digo: fica, lá, no teu posto, observando...» Isto o Cosmos nos disse, falando-nos à parte. «Poderão duvidar do que eu digo... Mas não duvidar com base alguma ponderável...»

* * *

Depois de tudo isto, qual o valor que se deve dar às palavras: «*confusão ubaldiana que a crítica denunciou*»? Que substância pode ter tal crítica de vento e que, por isso, pode ser «ventilada»? *Todo o sistema torresano se fundamenta na fé e crédito que hão-de ter os homens nele, e nas coisas que êle diz.* Esta é base da torre contra a qual se há-de meter a cabeça. Por isso o Prof. Joviano, se quiser falar aos homens de pensamento, terá, primeiro, de provar:

a) Que suas visões não são alucinações visuais, positivas, de sonâmbulo

lúcido, muito nossas conhecidas em nossos estudos hipnológicos.

b) Porque estarão errados os outros videntes, os da Índia, por exemplo, se vêem coisas diferentes?

c) Porque é o Monismo, e não o Dualismo, que alicerça as maiores religiões da Terra?

d) Admitido que o Prof. Tôrres viu, como saber se interpretou corretamente o que viu, dado que *ver não é compreender*, e tanto que qualquer animal inferior vê o mundo que o cerca, sem, contudo, entender?

e) Com que autoridade um sonhador de sonhos e quimeras poderá alegar que a construção *lógico-matemático-científica* de um pensador é ilusória ou falsa?

Eis os pontos a serem «ventilados», pelo distinto Prof. Joviano Tôrres, em vez de pretender arremeter-se contra uma edificação lógica, racional, exata, como «A Grande Síntese», com audaciosos discursos de vento, visto que apoiados na fé cega que pede de quem o lê.

Luiz Caramaschi

Piraju, 23 de outubro de 1958.

Crônica Estrangeira

Uma boa lição

De «Reformador»

Extraímos de «L'Echo de la Mode» (n. 37), sob o título: «Gato... e cão!» este emocionante relato que nossos leitores, amigos dos animais, muito apreciarão.

«Um habitante de pequena aldeia da Mosela ficou indignado com seu gato por ter êle cometido certa diabrura, de que, no momento, não me recordo qual tenha sido. Irritado, encerrou o gato em um saco e lançou-o ao mar. Meia hora depois viu, com espanto, seu cão — porque êle também possuía um cão — empurrar a porta da cozinha e entrar conduzindo, entre os dentes, o gato, todo molhado e com vida. O cão, não satisfeito de salvar a vida do bichano, que nós consideramos seu inimigo racial, estraçalhara o saco para que êle pudesse respirar melhor.

«Em breve todo o país veio a conhecer essa história, que, aliás, deu mar-

gem a muitos comentários. Êsse senhor, um tanto confuso, em face da lição que lhe dera o cão, bem mais generoso e magnânimo que êle, perdoou ao gato e espera que êste também lhe tenha perdoado.

Como vemos, as coisas seriam melhor neste mundo, se os homens, em certos casos, seguissem as lições dos animais e da Natureza». — (Sylvie).



○ Fantasma Brincalhão

«Estudos Psíquicos»

A Agência portuguesa ANI distribuiu um telegrama de Selsley, Inglaterra, que transcrevemos:

«Quem desejar umas férias agradáveis e emocionantes não tem mais do que alugar a casa de campo de Charles Quick, onde existe uma fantasma brincalhão e amigo de ajudar nos pequenos trabalhos domésticos, tais como dar corda aos re-

lógios ou arrumar a louça nos armários. Quick garante que Peter (o fantasma) é absolutamente inofensivo e as palmadas que às vêzes dá, de bricadeira, não aleijam ninguém, antes pelo contrário».

Ainda há quem diga bem dos fantasmas. Dizer mal dêles é dizer mal dos homens. Cada um de nós se apresenta como é, com sua indole, sua inteligência ou temperamento. Isto faz parte do espírito e a mudança de ambiente não altera aquelas qualidades.

Muitos não dão pela morte. Aferados à terra, densificados e quase materializados, entretêm-se com frioleiras, como essas do telegrama. Outros são menos pacientes. Fazem distúrbios. Estilhaçam vidros, abrem e fecham portas e janelas, deitam louça ao chão, rasgam cobertores, etc., quase sempre para que notem a sua presença e cheguem à fala com êles. Quando desabafam, abandonam o local e tudo volta ao que era dantes.

Os espíritos são almas desencarnadas. Para que se há-de ter mêdo delas? Em cada segundo muitas encarnam e muitas se libertam. E nós todos pertencemos ao número das que vieram e aguardam a partida. Então seremos fantasmas como êles, conforme o nosso grau de evolução espiritual.

Não se riam dos fantasmas. Elevem um pensamento em sua intenção e saibam que o nosso mundo é semelhante aos outros. A solidariedade é universal.



«O meu corpo foi devorado por lóbos há mais de mil anos», disse o Monge através do menino corista

De «Two Worlds»

Um Monge descreveu, através de um corista de 13 anos, o modo por que seu corpo foi devorado por lóbos, há mais de 1.000 anos atrás.

Falando com intonação profunda, nobre e cultural, não obstante usar a laringe trêmula de um menino, o Monge modulou:

«Eu sou o guia do menino. Tenho estado com êle desde seus três anos. Com êle permanecerei até sua vinda para o meu mundo. Eu fui um Monge e pertenci ao

grande Cuthbert, um dos fundadores do Cristianismo na Inglaterra nas Eras Escuras. Naqueles dias a Inglaterra era selvagem e bárbara.

Sepultado sob Pedras

«Eu morri perto da pequena povoação de Yorkshire em 678. Era rigoroso o inverno. Meus irmãos não puderam sepultar meu corpo, mas o cobriram com pedras. Então vieram os lóbos famintos e me comeram. Eu os observava».

Os presentes à reunião das Igrejas Fellowship para Estudo Psíquico, em Westminster, na semana passada, ouviram o dramático relato lido por um homem da igreja, êste pertencente ao século 20, J. D. Pearce-Higgins, Vigário de Putney. Pearce substituiu o Rev. A. W. Jackson, que, devido à moléstia, não pôde transmitir o relato.

Jackson, um vigário de Yorkshire, descobriu entre seus meninos do corpo coral, um médium natural de 13 anos de idade.

Êle notou que o menino era sonhador e abstrato, e mais tarde parecia ver e falar a pessoas invisíveis.

«Sonho Estranho»

O menino afirmou que sua mediunidade começou quando êle foi dormir debaixo de uma cêrca. Nessa ocasião teve «estranho sonho» em que estava de pé, fora de seu corpo e via homens andando em volta «vestidos com hábitos castanho-pretos».

Desde então êle sempre vê os espíritos—mais tarde identificados, especialmente pela tonsura, em forma de meia lua, (característica do corte de cabelo dos celtas no sétimo século) da Ordem Celibatária do Norte — todos mortos há mais de 1.000 anos.

Com permissão dos pais do menino, Jackson concorreu para desenvolver sua mediunidade. O transe e escrita automática foram acrescentados à clarividência e clariaudiência. O comunicante chefe, Bispo Clarence, afirmou que o objetivo da volta dos Monges, era «influenciar a terra a reconduzir a Igreja para a glória primitiva».

«Uma Janela»

Outro comunicante disse que o extraordinário poder mediúnico do menino era semelhante a uma «janela para dentro do vosso

mundo». O Rev. Jackson acrescenta que, quando o menino estava em transe era mais parecido com «possessão de espírito», do que contrôle espiritual...

Eram êsses os únicos comunicantes desaparecidos há mais de 1.000 anos?

Certamente não eram só êsses. Um Congregacionista, ministro, afirmou à

congregação que êle conhecera o menino antes do desenvolvimento da mediunidade. Depois o Rev. esteve em comunicação com sua própria mulher «morta», que usava a mão do menino para escrever mensagens, em sua escrita manual, que lhe era característica e própria, referente a coisas somente por ambos conhecidas.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Semana Espírita Cairbar Schutel (16 a 22/9/1959)

A fim de comemorar o 91.º aniversário de nascimento de Cairbar Schutel, a Associação Espírita Cairbar Schutel, de Duque de Caxias, Estado do Rio de Janeiro, promoveu uma semana de conferências e palestras alusivas à vida e à obra daquele infatigável obreiro da seara de Jesus, reunindo na semana compreendida entre os dias 16 e 22 de setembro findo, figuras expressivas dos círculos espíritas brasileiros.

*

Inaugurando as solenidades, trasladou-se a Caxias o deputado Romeu Campos Vergal, acompanhado de sua esposa e filho. A Casa de Cairbar, na vizinha cidade fluminense, ficou repleta para ouvir a brilhante palestra do visitante que, com a sua palavra simples, encantou a quantos ali acorream ansiosos de saber.

Notou-se a presença de representantes de tôdas as casas espíritas da cidade, do vereador José da Silva Barros, Presidente da Câmara Municipal, assim como de numerosos convidados.

*

No dia 17 foi conferencista o confrade Deolindo Amorim. Além de exaltar a obra grandiosa de Cairbar, teceu minuciosas considerações sobre o problema da evangelização e da educação para a reforma do homem a quem falta, fundamentalmente, humildade para aceitar as verdades de Cristo e dessa forma conquistar o equilíbrio moral suscetível de estabelecer a compreensão e a paz.

Orando com aquela inspiração e fluência de todos admiradas, Deolindo Amorim poderia, se houvesse desejado, prolongar sua conferência, tal o interesse e o magnetismo de sua palavra.

*

Manoel Max das Dôres, foi o orador do dia 18. Representando a União Espírita de Duque de Caxias, abordou com profundidade e elevado senso analítico, os problemas espirituais do momento, fazendo sentir a necessidade da purificação da mente para que o homem não tenha de buscar fora de si o Mestre Jesus.

Criatura experimentada e vivida, por isso mesmo de visão ampla, soube conduzir seu raciocínio com a leveza dos que sabem tocar os corações com palavras

que vão direto ao alvo, tal a objetividade com que aborda as questões do espírito.

*

D.^a Ilva Tavares, voz esclarecida da mulher espírita brasileira, falou no dia 19. Sua palavra vibrante e clara teve o condão de realçar a oportunidade do conclave e o papel reservado aos espíritas na recuperação moral do homem, a partir da evangelização do lar.

A palestra se embalsamou de profunda emotividade e comoveu tanto que o auditório chegou às lágrimas, tal a sinceridade e o enlêvo com que tocou e ressaltou o lado nobre e bom da criatura.

*

A palestra do dia 20 esteve a cargo do ilustre dr. Osmar de Carvalho Silva, companheiro de Alziro Zarrur, na Legião da Boa Vontade. Como deferência ao Centro Espírita Thiago Apóstolo, a palestra realizou-se em sua sede, onde se aglomeraram mais de 3 centenas de pessoas. Discorrendo sobre o aspecto científico da Doutrina e entrelaçando o tema com a questão do homem na sociedade, chamou a atenção para o papel dêste como elemento de aperfeiçoamen-

to moral para alcançar a divindade.

*

A conferência do dia 21, esteve sob a responsabilidade do general Milton O'Relly de Souza. Como das vezes anteriores, a Casa estêve repleta, desta feita com avultado número de representantes dos centros espíritas de Caxias e do Distrito Federal. Era a palavra esclarecida e apreciada que ali se fazia éco, mais uma vez propugnando o encaminhamento e a educação da juventude para a seara do Cristo. Era a análise fecunda e eloquente de uma inspiração e uma inteligência cintilante a serviço do bem e da divulgação da Doutrina.

*

A sessão de encerramento — no dia 22 — dia de CAIRBAR, coube ao confrade Ademar Duarte Constant, Secretário Geral e um dos fundadores da Associação Espírita Cairbar Schutel.

O orador levantou a biografia de Cairbar Schutel, ainda inédita em Duque de Caxias e o fez quando a acorrência do público era maior. Discorreu minuciosamente sobre a existência do espírita N. 1 do Brasil e recapitulou sua vida a partir da infância até o desencarne.

O interesse despertado pelo estudo então realizado foi tão grande que entidades congêneres resumiram os trabalhos de suas casas, nesse dia, para conhecerem a vida e a obra do grande obreiro de Matão.

Dêsse modo, encerrou-se com êxito a semana de Cairbar, em Duque de Caxias, onde o espiritismo ganha

terreno e se destaca pelas obras redentoras que vem realizando.

Ademar Duarte Constant
Secretário Geral.

Rio, Setembro de 1959

A Concentração das Mocidades Espíritas de Campinas

Ainda a propósito da XIII Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e do Estado de S. Paulo, a realizar-se em Campinas, entre 14 e 17 de abril de 1960 recebemos comunicação de que a 25 do corrente mês de outubro terá lugar, naquela cidade, a 2.^a previa da XIII Concentração com a presença de Jacob Holzmann Netto o jovem e inspirado orador espírita que reside em Curitiba.

Nessa previa haverá, pela manhã, recepção aos jovens visitantes, e, à tarde, às 14 horas, reunião para debate e programação das atividades da XIII Concentração. À noite, parte artística e a seguir conferência por Jacob Holzmann Netto.

Semana Espírita em Pinheiral

Segundo programa que nos foi enviado, pelo confrade Bernardo Honorato, de Pinheiral, mais uma Semana Espírita teve realização nessa cidade, levado a efeito pelo Centro Espírita Allan Kardec «Luz e Amor», entre os dias 20 e 27 de setembro último.

Foram oradores oficiais,

nas solenidades realizadas, os seguintes confrades: no dia 20, o dr. João Carlos Moreira Guimarães, do Rio de Janeiro; dia 21, Pedro Jacinto; dia 22, d. Josefa Lustosa; dia 23, Sebastião Lasneau; dia 24, José Arneiro; dia 25, Jaques Aboab; dia 26, um jovem de Niterói e dia 27, Newton de Barros, de Nova Iguaçu, encerrando as festividades.

Todos os oradores versaram temas deveras interessantes, sendo muito aplaudidos.

MOÇO ESPÍRITA!

Prepare-se, desde já, para participar ativamente do Torneio Evangélico, Trabalhos Doutrinários, Concurso de Oratória, de Música e de Peças Teatrais que fazem parte do programa da XIII Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de S. Paulo, a ser realizada em Campinas, de 14 a 17 de Abril de 1960

Para melhores informações escreva ao Conselho Diretor: Rua Irmã Serafina, 671, Campinas, S. P.

Para conhecer o espírito do cristianismo em sua pureza primitiva, é preciso conhecer o Espiritismo, porque é esta a única Doutrina que tem autoridade para esclarecer as criaturas em espírito e verdade, de acôrdo com os ensinamentos de Jesus.

Lucipaz.

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensaios de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalipse», — Cairbar Schutel.

À venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. \$ 90,00, e mais Cr. \$ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções, deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4.^a edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

À venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. \$ 20,00, e mais Cr. \$ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

Acaba de sair do prelo a nova edição do livrinho de Cairbar Schutel intitulado «Histeria e Fenômenos Psíquicos», há tanto tempo esperada, pois essa pequena obra tem sido sempre muito procurada.

Esta nova edição, que é a 4.^a, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

À venda na Livraria de «O Clarim» ao preço de cr\$ 25,00 e mais cr\$ 6,00 para o porte e registro.

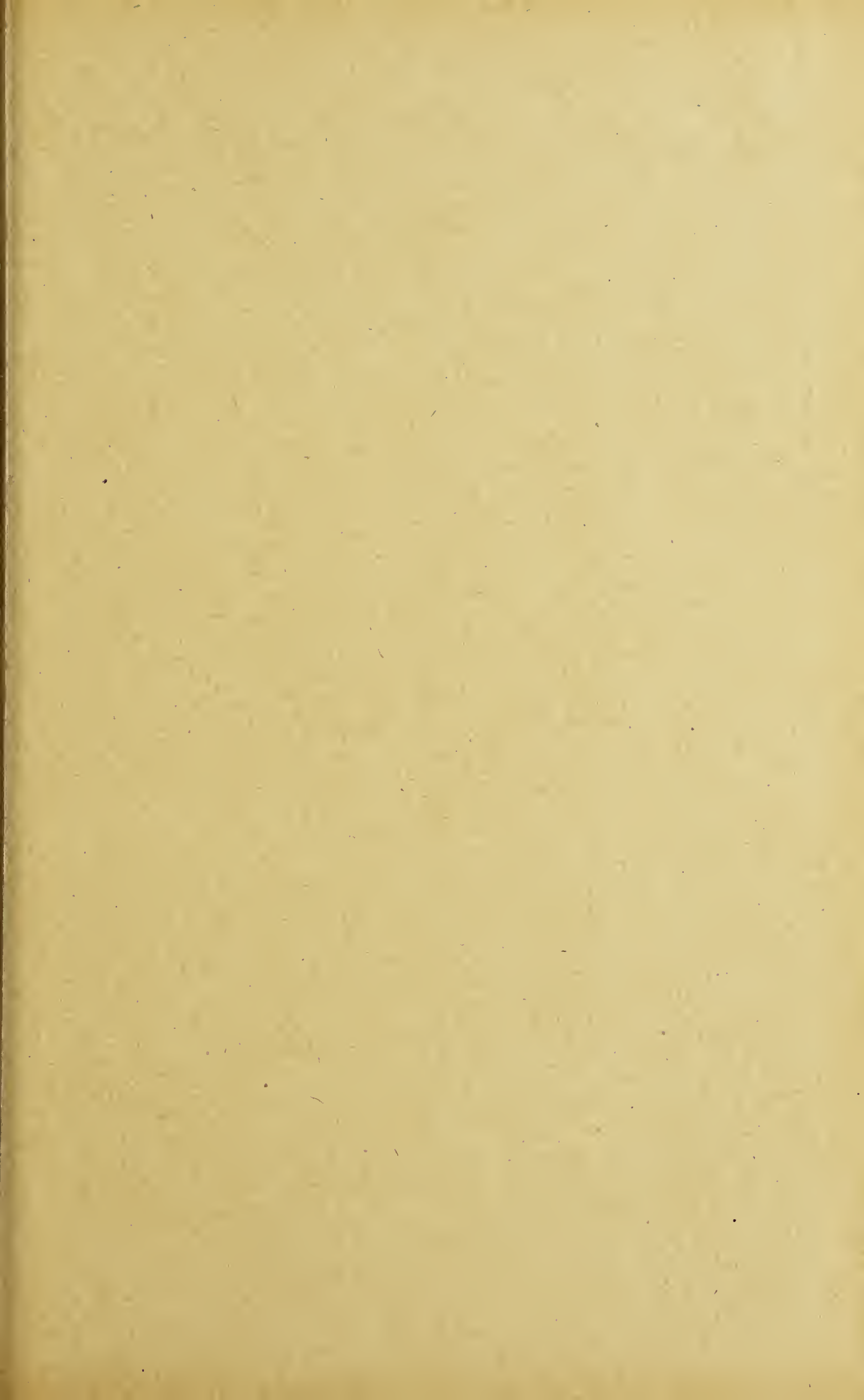
Obras mediúnicas recebidas pelo
médiu Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Evolução em dois mundos
Instruções Psicofônicas
Cartas de uma morta
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Pensamento e Vida
Contos e Apólogos
Pontos e Contos
Falando à Terra
Gotas de Luz
O Consolador
Luz Acima
Fonte Viva
Ave Cristo
Emanuel
Voltei
Roteiro
Renúncia
Pai Nosso
Boa Nova
Nosso Lar
Fonte Viva
Libertação
Volta Bocage
Jesus no Lar
Agenda Cristã
Vinha de Luz
50 Anos Depois
Lázaro Redivivo
Há dois mil anos
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Cartilha da Natureza
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Nos Domínios da Mediunidade

À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»

Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.



Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Director: A. Watson Campêlo

Redator: Italo Ferreira

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira*, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 à 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.\$120,00
Semestre	—	„ „	60,00
Ano	—	Assinatura registrada	180,00
Semestre	—	„ „	90,00

NUMERO AVULSO CR.\$ 12,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

e na LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL

Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.º andar — Sala 2 — SÃO PAULO

